
ἄρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

DOSSIÊ: A DEMOCRACIA ANTIGA REVISITADA

Imigrantes e dissidentes: Estoicismo e ação política radical em Roma

**Immigrants and Dissidents: Stoicism and Radical Political
Action In Rome**

Aldo Dinucci ⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-5854-4057>

aldodinucci@yahoo.com.br

Kelli Rudolph ⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-0008-7818>

k.c.rudolph@kent.ac.uk

Marcos Balieiro ⁱⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-0037-7647>

marcos.balieiro@gmail.com

Kai Whiting ^{iv}

<https://orcid.org/0000-0002-3976-6893>

whitingke@yahoo.co.uk

- i Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão – SE – Brasil
- ii Universidade de Kent – Canterbury – KEN – Inglaterra
- iii Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão – SE – Brasil
- iv Universidade Católica de Louvain – Louvain-la-Neuve – WAL – Bélgica

DINUCCI, A. *et al.* (2024). Imigrantes e Dissidentes: Estoicismo e ação política radical em Roma. *Archai* 34, e03430.

Resumo: Este artigo é uma tentativa de esclarecer a relação entre a posição dissidente assumida por estoicos antigos em seu contexto social e a maneira corajosa como defenderam suas posições políticas a partir de alguns princípios do sistema estoico, o que levou muitos deles ao exílio e à morte durante o Período Imperial Romano (terceira fase da civilização romana, que se estendeu de 27 AEC a 476 EC). Sugerimos que a marginalização desses grupos, bem como a sua perseguição, posiciona os estoicos de maneira única, tanto em seu próprio tempo como no nosso.

Palavras-chave: Estoicismo, Republicanismo, Resistência pacífica, filosofia estoica.

Abstract: This article is an attempt to clarify the relationship between the dissident position taken by the ancient Stoics in their social context and the courageous way in which they defended their political positions in adherence to their Stoic philosophical principles – positions which led many of them to exile and death during the Imperial Period (the third phase of Roman civilization, which extended from 27 BCE to 476 CE). We suggest that the marginalization of these groups, as well as the persecution of them, uniquely positions the Stoics both in their own time and in ours.

Keywords: Stoicism, Republicanism, pacifist resistance, Stoic philosophy.

Introdução

Este artigo possui duas partes. Primeiramente, apresentaremos uma visão geral de algumas *personae* estoicas, delineando seu caráter dissidente, seja por conta de sua origem periférica, por serem imigrantes na Atenas Clássica,¹ como Zenão de Citio e Cleantes de Assos, ou por serem filósofos gregos em Roma, como Panécio de Rodes e Possidônio, ou sua posição política, como os filósofos e senadores ligados à Oposição Estoica ou, ainda, por seu gênero, como no caso de Clódia Fânia e Gratilla, mulheres associadas à Oposição Estoica. Em seguida, apresentaremos alguns princípios estoicos que podem explicar as ações políticas das *personae* apresentadas na primeira parte, tais como sua descrença em utopias, sua coragem em face da tirania, sua disposição para cumprir os papéis sociais que lhes são atribuídos com vistas ao bem comum, sua aceitação gentil e serena do que lhes cabia e o caráter inclusivo de sua filosofia, por conta do qual se permitia que mulheres estudassem e praticassem a filosofia.²

As *personae*

Olhando para as figuras fundadoras do Pórtico e além, a lista de filósofos estoicos não cessa de nos revelar imigrantes e dissidentes políticos. Começemos pelos estoicos imigrantes. Zenão de Cítio, o fundador da escola estoica, era um fenício que chegou a Atenas em meio a um naufrágio.³ Zenão estava bastante consciente de seu *status* de imigrante em Atenas. Conforme nos relata Diógenes Laércio, “Antígono de Caristo nos diz que ele jamais negou que fosse cidadão de Cítio. Pois quando ele foi um dos que contribuíram para a restauração dos banhos públicos, e seu nome foi inscrito como ‘Zenão, o filósofo’ em um pilar, ele solicitou que as palavras ‘de

¹ Que se estendeu entre os séculos V e IV AEC e se caracterizou pelo apogeu da democracia ateniense e grande desenvolvimento cultural.

² Quanto a isso, ver Muson. 3 e 4.

³ 334 - c. 262 AEC. Ver D.L. 7.2.

Cítio’ fossem acrescentadas (D.L. 7.12).”⁴ No que diz respeito ao caráter fenício de sua filosofia, o mesmo Diógenes Laércio nos informa que:

[...] de acordo com Hipóboto, ele <Zenão> se juntou a Diodoro, com quem estudou muito dialética. E quando já estava fazendo progresso, entrou para a escola de Polemo, de tão livre de presunção que era. Como consequência, diz-se que Polemo se endereçou a ele da seguinte maneira: ‘Você se esgueira, Zenão, pela porta do jardim [...] Rouba minhas doutrinas e dá a elas um aspecto fenício.’ (D.L. 7.25).

Ainda segundo Diógenes Laércio, Timão de Fliunte⁵ disse as seguintes palavras acerca do fundador do Estoicismo: “Também uma fenícia eu vi, uma velha mimada envolta em melancólico orgulho, desejosa de todas as coisas, mas as malhas de sua teia sutil pereceram, e ela não tinha mais inteligência do que um banjo” (D.L. 7.15). Essa é uma evidência de que Zenão era ridicularizado tanto por ser um imigrante quanto aparentemente também por suas inclinações sexuais.

Um aluno de Zenão, que se chamava Cleantes de Assos e viria a se tornar o segundo escolarca da escola filosófica estoica também foi um imigrante. Diz-se que Cleantes, um pobre pugilista da Ásia Menor (atual Turquia), teria sido transportador de água enquanto estudava em Atenas.⁶ De acordo com Diógenes Laércio, Cleantes "chegou a Atenas [...] com apenas quatro dracmas e, ao encontrar-se com Zenão, estudou filosofia com grande nobreza, e aderiu sempre às mesmas doutrinas. Era conhecido por sua industriiosidade, sendo, de fato, motivado pela extrema pobreza a trabalhar para viver. Assim, enquanto de noite tirava água para regar os jardins, de dia exercitava-se em discussões: daí o apelido de *Phreantles* ou ‘Carregador de água

⁴ Todas as traduções de D.L. apresentadas neste artigo são da edição de Hicks (1925). A tradução para o português é nossa.

⁵ c. 320 AEC — c. 230 AEC. Filósofo cético grego e aluno de Pirro de Élis. Célebre autor de poemas satíricos.

⁶ c. 330 - c. 230 AEC. Ver D.L. 7.38.

dos poços” (D.L. 7.168). Outros alunos de Zenão incluem Crisipo de Solis e Esfero de Bósforo, e foram os dois estrangeiros. Esfero é conhecido como o filósofo estoico que foi à cidade de Esparta para ajudar o rei Kleomenes III, com base dos princípios da filosofia, livrar o seu povo da tirania dos oligarcas.

Mais além da Grécia antiga, e durante a República Romana, muitos filósofos estoicos de origem grega se destacaram como intelectuais influentes em Roma: Diógenes da Babilônia,⁷ que despertou o interesse dos romanos pelo estoicismo depois de ter participado da célebre embaixada ateniense (na companhia do acadêmico Carnéades⁸ e do peripatético Critolau)⁹ enviada a Roma em 155 AEC;¹⁰ Panécio de Rodes, filósofo grego de abastada família e membro do círculo de intelectuais apadrinhados por Cipião Emiliano; e Possidônio de Rodes,¹¹ um polímata grego também muito influente em Roma e associado aos políticos romanos Cícero e Pompeu.¹²

A partir do século I AEC, temos aqueles que hoje poderíamos chamar de dissidentes “políticos”, em franca minoria no seu tempo. Entre eles, é possível citar Catão de Útica,¹³ que morreu juntamente com a República Romana, suicidando-se após a vitória de Júlio César;¹⁴ Sêneca, originalmente da Espanha e filho de um membro da ordem equestre, que foi condenado ao suicídio por Nero em 66;¹⁵ senadores rebeldes ligados ao estoicismo e aos republicanos, tais

⁷ c. 230 – c. 150/140 AEC. Quinto líder da escola estoica.

⁸ Cirene, 214/3–129/8 AEC.

⁹ c. 200 - c.118 AEC.

¹⁰ Ver Gel. 7.14; Macr. 1.5; Cic. *de Orat.* 2.37.38. Ver, também, Powell, 2013.

¹¹ Ou de Selêucia. 185–109 AEC. Sétimo líder da escola estoica.

¹² Que foram seus alunos. Ver Health (1931).

¹³ 95–46 AEC.

¹⁴ Acerca do suicídio de Catão e o fim da república romana, ver Sen. *Ep. lu.* 71; Lévy, 2003, p. 499; Goodman, R.; Soni, 2014.

¹⁵ c. 4 AEC – 65 EC.

como Rubélio Plauto,¹⁶ exilado e depois condenado ao suicídio por Nero em 60; Trásea Peto,¹⁷ também condenado ao suicídio por Nero em 66; e o filósofo Musônio Rufo, três vezes exilado, um etrusco da classe equestre.

Rubélio, Trásea e Musônio estiveram todos envolvidos na chamada Oposição Estoica (também chamada de Oposição Filosófica), um grupo de políticos romanos e filósofos estoicos que se opunham sistematicamente a imperadores tirânicos como Nero, Vespasiano e Domiciano.¹⁸ Marco Aurélio menciona dois nomes associados à Oposição Estoica: Trásea e Helvídio Prisco (de quem falaremos mais adiante) como personagens históricos discutidos por seu mestre Severo¹⁹ em conexão com a ideia “de um Estado isonômico, administrado segundo a igualdade e o igual direito de fala, e de um reinado que honrasse sobretudo a liberdade de todos os comandados” (M. Ant. 1.14),²⁰ o que pode ser um dos princípios políticos da Oposição Estoica.

Não podemos deixar de mencionar Epicteto,²¹ exilado por Domiciano por volta do ano 90, um liberto (tendo sido, portanto, um escravizado) da cidade de Hierápolis (na Frígia, território da Anatólia ocidental), e Marco Aurélio, o mais poderoso de todos os estoicos, cuja família tinha raízes hispânicas. Podíamos pensar não ser esse o caso de Marco ter um caráter dissidente, sendo ele nada menos que o Imperador de Roma. Entretanto, uma visão mais próxima de sua vida nos revela uma pessoa frágil em diversos sentidos. Quanto ao caráter físico, Marco tinha, desde criança, saúde fraca e insônia, como ele mesmo deixa claro em *Meditações* 7.11. Além disso, era órfão por

¹⁶ 33–62 EC. Ver Tac. *Ann.* 13.19, 14.22, 57–59; D.C. 62.14.

¹⁷ Morto em 66. Ver Tac. *Ann.*, 34–35; Di. 62.26.4. Sobre as atividades políticas de Trásea em Roma, ver Wirszubski, 1968, p. 138 ss.

¹⁸ Ver Sullivan, 1985, p. 115; Griffin, 2000, p. 170–174; Wilkinson, 2012, p. 70–71.

¹⁹ Provavelmente Gneu Cláudio Severo Arabianus, que viveu entre 113 e até pouco após 176 e foi senador romano e filósofo peripatético.

²⁰ Todas as citações de Marco Aurélio neste artigo são da autoria de Aldo Dinucci.

²¹ c. 55 – 135. Ver Gel. 15.11; Plin. *Ep.* 3.11.

parte de pai²² e, o que é mais relevante para o que estamos dizendo, um *outsider* em termos de ideias morais em seu tempo. Dião Cassio comenta que Marco “costumava dizer que era impossível criar as pessoas como gostaria que fossem, mas cada um tinha que ser utilizado em alguma tarefa em que fosse capaz de auxiliar o Estado” (Di. 72.34.4).²³ De acordo com McLynn, “Marco, ao final de sua meia-idade e em sua velhice, manifestava todos os sintomas do homem classicamente alienado: isolado, solitário, melancólico, quase solipsista, odiando sua vida na corte [...] e a intrusão do detestado mundo do cotidiano” (McLynn, 2009, p. 112.)²⁴ Enquanto muitos políticos e filósofos estoicos pagaram com a vida para lutar contra a tirania de certos imperadores, Marco, profundamente inspirado pela filosofia de Epicteto, queria se tornar um bom imperador, quer dizer, um monarca desprovido de qualquer caráter tirânico. McLynn observa que “as relações entre imperadores e súditos interessaram particularmente a Epicteto, que, em suas obras, frequentemente imagina circunstâncias hipotéticas em que um indivíduo está se relacionando com César - e isso reforçou a determinação de Marco de nunca cometer um ato despótico [...] e ele gostava especialmente dos ensinamentos de Epicteto sobre os limites do poder imperial” (McLynn, 2009, p. 113).²⁵

Marco tinha a clara percepção de que seu poder como imperador não era suficiente para causar profundas mudanças na muito imperfeita sociedade de seu tempo, como ele deixa claro na passagem seguinte:

[...] Homem, e então? Faz o que a Natureza te exige agora. Põe-te em movimento se puderes, e não olhes ao redor para ver se alguém percebe a tua ação. Não ponhas as tuas esperanças na *República* de Platão, mas te satisfaz se o menor dos avanços for feito. E considera a realização deste mesmo pequeno avanço

²² Ver M. Ant. 1.2 e 1.3.

²³ Di. 72.34.4.

²⁴ Ver Marc. Ant. 6.2; 9.37; 10.3; 4.3.1.

²⁵ Ver Epict. Diss. 1.25.15; 2.22.22; 3.13.9- 13; M. Ant. 3.5.

como não pouca coisa. Como são ordinários esses homúnculos tanto em assuntos políticos quanto nas ações que pensam realizar de modo filosófico. Estão cheios de catarro nos narizes. Pois quem mudará a opinião dos humanos? E, sem a transformação das opiniões, que outra coisa há senão a servidão dos que se lamentam e o engano dos que fingem assentir? (M. Ant. 9.29).

Marco percebe que não é capaz de modificar as crenças e concepções dos que o circundam.²⁶ No máximo, sua posição como imperador faz com que simulem concordância por medo. Marco conclui que somente lhe é possível, na melhor das hipóteses, fazer avançar um pouco a sociedade em que vive e que se iludem os que pensam o contrário, buscando instaurar utopias a ferro e fogo. É preciso, outrossim, fazer o que o dever (a Natureza) nos exige neste momento. Marco percebia mesmo certa antipatia no trato com seus companheiros, provável razão pela qual observou:

Ninguém é tão próspero que não tenha à sua volta, em seu leito de morte, os que se alegram com ela. Era ele um nobre sábio? Não haverá alguém em seus últimos momentos dizendo para si: “Respiraremos, agora, livres do pedagogo? Ele não era severo com nenhum de nós, mas eu percebia que, em silêncio, nos condenava”. Essas coisas são ditas de um homem nobre. Mas, sobre nós, quantas outras coisas há pelas quais muitos irão querer se livrar de nós [...] (M. Ant. 10.36).

De fato, Marco, em seu reinado, pouca oportunidade teve para se dedicar a modificar a sociedade. Viveu tempos catastróficos, atravessando epidemias, tendo que passar boa parte de seu período como imperador em acampamentos militares no *front* de batalha, enfrentando invasões em diversas fronteiras do império e tendo ainda que lidar com um golpe de Estado.²⁷ Daí que frequentemente diga a

²⁶ Assim, Marco, embora não pudesse abolir a servidão de fato em seus dias, se concentrou em tratar bem seus servos. Prova disso é o que ele diz em *Meditações* 1.17.7 sobre não ter tido relações sexuais com servos e servas, abuso que era prática corrente entre os antigos.

²⁷ Ver Dinucci, 2024, p. 7 – 11.

si mesmo para esquecer os livros: efetivamente, não tinha tempo para lê-los.²⁸

Mencionemos também as mulheres que, ligadas ao Estoicismo, se destacaram como dissidentes políticas em Roma. O gênero feminino ocupava, obviamente, à época, uma posição marginal na sociedade romana, já que as mulheres não tinham direitos políticos e eram comumente relegadas a papéis domésticos, como era a costume na Antiguidade Ocidental. Em primeiro lugar, devemos mencionar Pórcia Catonis,²⁹ filha de Catão, o Jovem e mulher de Marco Júnio Bruto (um dos assassinos de Júlio César), filósofa e mulher corajosa, segundo Plutarco:³⁰

Essa jovem, sendo excelentemente versada em filosofia, amando muito seu marido e sendo dotada de uma nobre coragem, era, também, sábia, porque não queria perguntar a seu marido o que o atormentava antes de ter buscado descobri-lo por si mesma: tomou uma pequena navalha, como as que os barbeiros usam para cortar as unhas dos homens e, fazendo com que suas criadas e demais mulheres saíssem de seu quarto, fez com ela um grande corte na coxa de modo que ficasse toda ensanguentada; e, logo depois uma febre violenta a tomou por causa da dor da ferida. Percebendo, então, que seu marido estava espantosamente inquieto, e que não conseguia repousar, mesmo com a maior de todas as dores ela lhe falou da seguinte maneira: “Sendo eu, Bruto”, disse ela, “a filha de Catão, casei-me contigo não para ser a tua companheira de cama e de mesa, como uma meretriz, mas para participar contigo da tua fortuna, seja ela boa ou má. Mas, de minha parte, como poderei mostrar meu dever para contigo e quanto faria por ti se não posso suportar constantemente um infortúnio ou uma dor secreta contigo, o que requer sigilo e fidelidade? Confesso que o espírito de uma mulher é, geralmente, demasiado fraco para guardar um segredo

²⁸ Ver, por exemplo, M. Ant. 2.2.

²⁹ c. 73 – Junho 43 AEC.

³⁰ Apesar de elogiosas, as palavras do platônico Plutarco abaixo citadas traem sexismo ao se referir ao espírito feminino como fraco por natureza quanto a guardar segredos.

com segurança; no entanto, Bruto, a boa educação e a companhia de homens virtuosos têm algum poder para reformar o defeito da natureza. E de minha parte, tenho, ainda, o benefício de ser filha de Catão e mulher de Bruto. Apesar disso, eu não confiava em nenhuma destas coisas antes, até agora, quando descobri, por experiência, que nenhuma dor ou tristeza me pode vencer.” Com essas palavras, mostrou-lhe a ferida na coxa e contou-lhe o que tinha feito para pôr-se à prova.”³¹ (Plu. *Brut.* 23.6).

Em segundo lugar, citemos Clódia Fânia, filha de Trásea Peto e mulher de Helvídio Prisco,³² que seguiu o marido ao exílio por duas vezes. Após a morte de Prisco, tentou publicar uma biografia dele e foi condenada ao exílio por Domiciano por isso.³³ McElduff observa que Fânia “era uma rebelde política exilada três vezes, que não teve filhos. Ao analisar as aclamações de Plínio, o Jovem, obtemos uma perspectiva adicional sobre o que constituía uma ‘boa’ mulher romana, e como Fânia alcançou esse estatuto apesar de seu comportamento não-conformista” (McElduff, 2023, 650 ss.). Plínio, o Jovem, afirma o seguinte sobre ela:

Que vida pura e reta ela levou! Como era digna e leal! Por duas vezes, seguiu o marido ao exílio e foi banida, ela própria, uma terceira vez por conta de seu marido. Pois quando Sénecio foi levado a julgamento por ter escrito uma *Vida de Helvídio* e disse, durante sua defesa, que Fânia lhe havia solicitado que o fizesse, Méteo Caro, com um gesto ameaçador, perguntou-lha se ela havia feito tal pedido. “Eu lhe pedi,” foi sua resposta. “Deste-lhe material para escrever?”, continuou. “Dei-o.” “A tua mãe sabia?” “Ela não sabia.” Não proferiu uma única palavra que mostrasse que se retraía perante os perigos que a ameaçavam. Mais ainda, embora o senado tivesse aprovado um

³¹ Nossa versão para o português da tradução de Skeat (1875). Ver, também, Plu. *Brut.* 13.4. Alguns historiadores antigos contemporâneos afirmam que ela se suicidou após a segunda batalha de Filipos, na qual seu marido foi derrotado em 42 AEC. Ver Ápio, *As Guerras Civis*, 5.136; Val. Max. *De factis mem.* iv. 6.5; Plu. *Cat. Min.* 53.5; Plu. *Brut.* 53.7.

³² De quem falaremos abaixo.

³³ Em 93 AEC.

decreto – mediante coação e devido aos perigos da época – segundo o qual os volumes em questão deveriam ser destruídos, ela teve o cuidado de preservá-los e guardá-los depois que seus bens foram confiscados e até mesmo os levou consigo para o exílio do qual foram a causa. (Plin. *Ep.* 7.19)³⁴

Em terceiro lugar, lembremos de Gratilla, mulher de Aruleno Rústico,³⁵ exilada por Domiciano³⁶ em 93 EC.³⁷ Carlon observa que “as razões de sua perseguição permanecem obscuras, mas é bastante verossímil que se relacionem à atividade anti-imperial mais ampla na família estendida de Trásea Peto, uma oposição que morreu com as execuções de 93” (Carlon, 2009, p. 34). Ao que parece, Gratilla nunca regressou do seu exílio. Curiosamente, Epicteto menciona uma amiga (que ele não nomeia provavelmente por razões políticas) de Gratilla, que é apresentada como exemplo da virtude estoica em ação: “Portanto, a mulher, que tencionava enviar por navio as provisões de um mês para Gratilla no seu desterro, respondeu bem àquele que disse que Domiciano iria confiscar o que quer que ela enviavasse: ‘Preferiria’, respondeu ela, ‘que Domiciano confiscasse tudo do que eu não as enviar.’” (Epict. *Diss.* 2.7.8)³⁸

³⁴ Nossa versão para o português da tradução de Firth (1900).

³⁵ Quinto Júnio Aruleno Rústico (c. 35 - 93 EC) era amigo de Trásea Peto, senador romano e estoico (membro da Oposição Estoica) condenado à morte (em 70 EC) por Domiciano por ter escrito um panegírico sobre Trásea Peto. (Di. 117.13.2, cf. também Tac. Ag. 2). Plutarco, em seu Sobre ser intrometido, p. 15, conta-nos que: “Certa vez, quando fui ministrar uma conferência em Roma, aquele famoso Rústico, que Domiciano mais tarde matou por inveja da sua reputação, estava entre os meus ouvintes, quando um soldado passou pela audiência e entregou-lhe uma carta do imperador. Fez-se silêncio na sala, e também eu fiz uma pausa para que ele pudesse ler a carta, mas ele se recusou e não quebrou o selo até que eu terminasse minha palestra e a audiência se ter dispersado. Por causa desse incidente, todos admiraram a dignidade do homem.” (Plu. Mor. 6. Nossa versão para o português da tradução de Helmbold (1939)).

³⁶ Ver Plin. 3.11.

³⁷ Para mais informações sobre as mulheres envolvidas na Oposição Estoica (pelo menos, onze), ver Carlon, 2009, p. 18 ss.

³⁸ Todas as passagens das Diatribes de Epicteto neste artigo traduzidas por Aldo Dinucci (2019).

Fundamentos filosóficos de sua ação

A posição social, ideológica e periférica dos estoicos lança luz sobre outro aspecto do Estoicismo: muitas vezes, eles são *outsiders*, inclusive minorias, personagens marginais em seus próprios mundos. Por isso, talvez, é natural que desejem a participação cósmica, a reaproximação com a Natureza e o cosmopolitismo, ideias absolutamente centrais para o Pórtico, expressas de modo sintético por Epicteto em *Diss.* 1.9.1-5.

Além disso, os estoicos romanos, sobretudo de Musônio Rufo em diante,³⁹ como vozes dissidentes, sempre sob o jugo dos poderosos e dos muitos, querem primeiro a liberdade interior, sabendo que a liberdade exterior é algo que não podem escolher. Esta condição marginal dos estoicos romanos também os torna céticos em relação às utopias políticas,⁴⁰ como o próprio Marco Aurélio observa na passagem acima citada de suas *Meditações* e que aqui repetimos em contexto mais amplo:

[...] Não ponhas as tuas esperanças na *República* de Platão, mas te satisfaz se o menor dos avanços for feito. E considera a realização deste mesmo pequeno avanço como não pouca coisa. Como são ordinários esses homúnculos tanto em assuntos políticos quanto nas ações que pensam realizar de modo filosófico. Estão cheios de catarro nos narizes. Pois quem mudará a opinião dos humanos? E, sem a transformação das opiniões, que outra coisa há senão a servidão dos que se lamentam e o engano dos que fingem assentir? [...]

³⁹ Não incluindo nomes como Sêneca, por exemplo.

⁴⁰ Isso se aplica, especialmente, aos estoicos dos períodos médio e imperial, para os quais a República de Zenão era ou uma abstração impraticável ou uma obra ofensiva. Por exemplo, o estoico Atenodoro de Pérgamo tentou remover as passagens que julgava ofensivas (D.L. 7.34). Para um exame pormenorizado da República de Zenão, ver Erskine, 1990, p. 9 - 40. Entre os estoicos antigos, Esfero de Borístines se destacou como utopista em sua atuação em Esparta (quanto a isso, ver Whiting e Konstantakos, 2021, p. 176 ss.).

É simples e digna a obra da filosofia: não me desvie para a empáfia. (Marc. Ant. 9.29).⁴¹

Já comentamos que essa passagem deve ser lida em ligação com o isolamento moral e político de Marco em seu tempo. Acrescentemos que, acima, ele reconhece explicitamente que a tarefa de mudar as mentes dos seres humanos é muito difícil ou mesmo impossível. Como sabemos, a cidade ideal do estoico Zenão é composta por cidadãos ideais (sábios), e não é esse o caso da humanidade.⁴² Marco reconhece que o que nos resta é tentar melhorar a sociedade naquilo que é possível e, como nota Marco, mesmo isso não é uma tarefa fácil.

Vale a pena mencionar que a *República* de Zenão foi um problema para certos estoicos posteriores. Erskine observa que alguns deles até procuraram formas de negar que Zenão fosse o fundador da *Stoa*, enquanto outros mantiveram apenas o *telos* que ele propôs, rejeitando o restante da sua filosofia: “Todos esses procuram, em graus variados, minimizar a importância de Zenão para a escola estoica e, implicitamente, aceitam que as suas ideias mais radicais e inaceitáveis, tais como as apresentadas na *Politeia*, eram centrais para o seu pensamento” (Erskine, 1990, p. 11).⁴³

Os estoicos, ainda que fossem dissidentes políticos e céticos também em relação às utopias, sempre mostravam coragem ao defender seus pontos de vista, lutando pela *libertas* no período romano, por exemplo.⁴⁴ Um traço comum é a já mencionada oposição aos imperadores que consideravam tiranos, o que fez com que muitos deles morressem por seus ideais e, ao mesmo tempo, o fizessem de forma pacífica, como se fossem indiferentes ao seu sacrifício, como testemunham estas linhas das *Diatribes* de Epicteto:

⁴¹ Agradecemos a Donato Ferrara por chamar nossa atenção para essa passagem.

⁴² Sobre a República de Zenão, ver abaixo.

⁴³ Ver Phld. 12.20-13.4; 14.4-9. Erskine observa que a República de Zenão é “uma reação consciente contra Platão” (1990, p. 15).

⁴⁴ Sobre a conexão dos estoicos com a *libertas*, ver Wirszubski, 1968, p. 143 ss.

O que disse Agripino sobre esse assunto? “Não sou entrave para mim mesmo”? “Estás sendo julgado no Senado, boa sorte!” – disseram-lhe. Era a quinta hora, momento em que ele costumava exercitar-se e depois tomar um banho frio: “Saíamos e nos exercitamos”. Enquanto ele se exercitava, alguém, vindo a ele, disse-lhe: “Foste condenado!”. “Ao exílio”, indagou Agripino, “ou à morte?”. “Ao exílio.” “E as minhas posses?”. “Não foram confiscadas.”. “Vamos, pois, para Arícia e almoçemos lá.” (Epict. *Diss.* 1.28-30).⁴⁵

Agripino foi outro senador romano ligado à oposição estoica condenado no tempo de Nero, primeiramente, ao exílio e, depois, à morte.⁴⁶ Epicteto refere-se a ele como o exemplo perfeito de alguém que estudou a filosofia e a pôs em prática: “Isso é ter praticado as coisas que devem ser praticadas, ter tornado o desejo e a repulsa desimpedidos e não trôpegos. Devo morrer. Se agora mesmo, morro. Se dentro de pouco tempo, agora almoço, já que é a hora. Então, depois, morrerei. Como morrerei? Como é próprio de quem abre mão de algo que pertence a outro” (Epict. *Diss.* 2.1.31). Marco Aurélio informa-nos que essa impressionante tranquilidade perante a morte deriva do carácter não trágico do estoico:

Primeiro, as tragédias foram levadas aos palcos para lembrar os humanos das coisas que lhes acontecem, que ocorrem assim por natureza e para que, do mesmo modo que as almas humanas se entretêm com elas no palco, assim também não se entristeçam com elas no palco maior.⁴⁷ (Marc. Ant. 11.6).⁴⁸

O estoico não deve ser dramático quando enfrenta as adversidades em geral porque, diferentemente do herói trágico, compreende e aceita o seu destino como um quinhão comum da humanidade. O estoico acolhe pacificamente o seu destino, como ilustra a atitude de Agripino.

⁴⁵ Tradução de Aldo Dinucci.

⁴⁶ Ver Tacit. *Ann.* xvi. 28; Suet. *Tib.* c. 61.

⁴⁷ “Grande Palco”: Ver M. Ant. 10.26 e 12.36.

⁴⁸ Ver também M. Ant. 3.7; 3.8; 5.28.

Quanto a essa suave aceitação do destino, lembremos que, na Antiguidade Clássica e nos períodos helenístico e romano, os estoicos agiam com relativa tranquilidade em termos morais: não os vemos incitando a multidão a se converter ao estoicismo, nem censurando publicamente os costumes, nem tentando corrigir a humanidade por meios constrangedores, como testemunhamos hoje em dia no caso de muitas religiões e ideologias.

Os Zenonianos (com eram chamados Zenão de Cítio e os seus amigos)⁴⁹ reuniam-se em público no Pórtico Pintado de Atenas, bem próximo à ágora ateniense. Qualquer pessoa podia juntar-se a eles e participar das conversas. No entanto, nunca vemos Zenão de Cítio e os seus amigos criticando moralmente os indivíduos que por ali passassem. Eles anunciavam seus ensinamentos (por meio de textos de divulgação e palestras públicas), mas ensinavam-os apenas àqueles que, por sua própria iniciativa, os procuravam.⁵⁰ Os estoicos, herdeiros do pensamento socrático, consideravam que o indivíduo deve procurar espontaneamente o progresso através da filosofia, como Epicteto deixa claro no segundo capítulo do seu *Manual*: o praticante do estoicismo só deve fazer algo (bem como deixar de fazê-lo) quando souber por que fazê-lo ou não.⁵¹ Para os estoicos, o processo de desenvolvimento moral pressupõe um indivíduo livre e disposto a empreendê-lo voluntariamente.

Os estoicos viviam em sociedades cosmopolitas, habitadas por pessoas de religiões, etnias e culturas variadas, desde as mediterrâneas (por exemplo, judeus, egípcios, gregos, fenícios e romanos) até as mais longínquas (africanos, indianos, britânicos, germânicos *etc.*), que viviam juntos, mantendo os seus costumes e religiões diversos. Epicteto, mais uma vez, tem isso em mente quando afirma, no capítulo 31, que devemos “fazer libações, sacrifícios e

⁴⁹ Sobre o desenvolvimento da escola estoica, de Zenão a Ário Dídimo, ver Sedley (2006).

⁵⁰ Epicteto relata que, na sua juventude, fez propaganda do estoicismo nas ruas de Roma, com consequências desastrosas e cômicas (Ver Epict. Diss. 2.12.17 ss).

⁵¹ “Faz uso unicamente do impulso e do contraimpulso, sem que, contudo, te excedas, com reserva e sem constrangimento.”

oferecer primícias, segundo os costumes ancestrais de cada um, mas de modo puro, não de modo indolente, nem descuidado, nem mesquinho, nem acima da própria capacidade”. “Segundo os costumes ancestrais de cada um” significa segundo os costumes dos antepassados, ou seja, da nação, da cultura ou da raça à qual cada um de nós pertence.

Portanto, os estoicos reconhecem a pluralidade irreduzível de costumes e religiões sem se reduzirem ao relativismo. Compreendem que, em diferentes partes do mundo, surgem costumes diferentes, mas que, ao mesmo tempo, a justiça e a equidade são anseios comuns a todos os seres humanos, que, incidentalmente, tornam possível a vida em comum entre eles, apesar das diferenças culturais.

Os estoicos compreendem, como poucos antes ou depois deles, que a mera posse de conhecimentos filosóficos não confere estatura moral para reformar ou julgar moralmente outros seres humanos. Estão conscientes de que poucos seres humanos atingem essa estatura moral e veem Sócrates como um desses chamados sábios, embora de modo algum perfeito, mas um sábio na medida do humanamente possível.⁵²

Por estatura moral entende-se, aqui, a qualidade de quem se guia pela razão e pelos melhores sentimentos humanos, a qualidade de quem raramente comete erros, que não se deixa arrastar pelos vícios e que se destaca pela atitude destemida em defesa do que pensa ser o melhor para a humanidade. Para os estoicos, quem não tem essa estatura moral não tem autoridade para censurar os outros, e mesmo aqueles que reconhecidamente a possuem são muito cautelosos no uso dessa prerrogativa. Sócrates, por exemplo, rejeitou-a

⁵² Sobre isto, Sêneca observa: “Sabes a que tipo de homem me refiro agora quando falo de ‘um homem bom’? Refiro-me a um da segunda classe, como o teu amigo. Porque um da primeira classe talvez só venha a existir, como a fênix, uma vez em quinhentos anos. E também não é surpreendente que a grandeza se desenvolva apenas em longos intervalos; a Fortuna muitas vezes traz à existência poderes comuns, que nascem para agradar à multidão; mas ela apresenta, para a nossa aprovação, aquilo que é extraordinário pelo próprio fato de o tornar raro.” (Sen. Ep. lu. 42.1. nossa versão para o português da tradução inglesa de Gummere (1920)).

solenemente, limitando-se a mostrar que aqueles que acreditavam possuir sabedoria enganavam os outros e a si próprios, enquanto afirmava que a sua sabedoria provinha unicamente do fato de saber o que não sabia.⁵³

Além disso, os estoicos sublinham que não podemos julgar moralmente as pessoas sem saber por que elas agem ou pensam de uma forma ou de outra. Epicteto volta a esclarecer-nos sobre este fato no capítulo 45 do seu *Manual*:

Alguém se banha de modo apressado: não digas que ele de modo ruim, mas de modo apressado. Alguém bebe muito vinho: não digas que ele de modo ruim, mas que muito. Pois, antes de discernir a opinião dele, como sabes que ele de modo ruim? Assim, não ocorrerá que apreendas as representações compreensivas de umas coisas e dês assentimento a outras. (Epict. *Ench.* 45).

Epicteto está a dizer-nos que só podemos julgar moralmente uma pessoa se compreendermos as premissas que a levam a agir ou a pensar dessa ou daquela forma. Para isso, temos que conhecer suas crenças, as particularidades de sua criação, seu contexto cultural, sua época *etc.* Por isso, os estoicos evitam emitir juízos de valor precipitados sobre os outros seres humanos, mas procuram compreender as razões que os levaram a ser como são e a agir como agiram. Assim, em vez de julgar moralmente, procuram compreender a humanidade de forma benevolente.⁵⁴ Em vez de tentar reformar os demais por meio de discursos moralistas, os estoicos procuravam dar vida aos princípios que estudavam, como Epicteto deixa claro no capítulo 46 do seu *Manual*:

Jamais te declares filósofo. Nem, entre os homens comuns, fales frequentemente sobre princípios filosóficos, mas age de acordo com os princípios filosóficos. Por exemplo: em um banquete, não

⁵³ Ver Pl. Ap. 23 e segs.

⁵⁴ Sobre isso, ver, por exemplo, Epict. Diss. 1.28 7 ss.; M. Ant. 2.1; 5.22.

discorras sobre como se deve comer, mas come como se deve. Lembra que Sócrates, em toda parte, punha de lado as demonstrações, de tal modo que os outros o procuravam quando desejavam ser apresentados aos filósofos por ele. E ele os levava! E dessa maneira, sendo desdenhado, ele ia. Com efeito, caso, em meio a homens comuns, uma discussão sobre algum princípio filosófico sobrevenha, silencia ao máximo, pois o perigo de vomitar imediatamente o que não digeriste é grande. E quando alguém te falar que nada sabes e não te morderes, sabe então que começaste a ação. Do mesmo modo que as ovelhas não mostram o quanto comeram, trazendo a forragem ao pastor, mas, tendo digerido internamente o pasto, produzem lã e leite, também tu não mostres os princípios filosóficos aos homens comuns, mas, após têlos digerido, as ações. (Epict. *Ench.* 46).

Os estoicos querem ser a encarnação viva de sua filosofia, executando ações exemplares perante os demais, e não tagarelando e apontando o dedo aos outros. A sua ação na sociedade consiste em desempenhar bem os papéis que lhes são atribuídos. Se, por exemplo, alguém desempenha o papel de mãe, deve ser uma boa mãe, ou seja, deve cumprir a sua tarefa da melhor maneira possível, e o mesmo se aplica aos papéis de cidadão, irmão, irmã, amigo *etc.* Mais uma vez, Epicteto ilustra essa concepção no capítulo 30 do seu *Manual*:

As ações convenientes são, em geral, medidas pelas relações. É teu pai? Isso implica que cuides dele; que cedas em tudo; que o toleres quando te insulta, quando te bate. Mas ele é um mau pai? De modo algum, pela natureza, estás unido a um bom pai, mas a um pai. “<Meu> irmão é injusto”. Mantém o teu próprio posto em relação a ele. Não examines o que ele faz, mas o que te é dado fazer, e a tua escolha estará segundo a natureza. Pois se não quiseres, outro não te causará dano, mas sofrerás dano quando supuseres ter sofrido dano. Deste modo então descobrirás as ações convenientes para com o vizinho, para com o cidadão, para com o general: se te habituares a considerar as relações. (Epict. *Ench.* 30).

Ora, desempenhar bem o papel atribuído a cada um implica fazer o que está de acordo com a natureza, e, para os estoicos, o que está

de acordo com a natureza está também de acordo com o bem comum. Assim, para Epicteto, a ação adequada não é nem altruísta nem egoísta, mas, antes, visa o bem da comunidade como um todo:

(11) Isso não é egoísmo, pois o animal é por natureza assim. Ele tudo faz para si mesmo. Pois também o Sol faz todas as coisas para si mesmo, como, de resto, também Zeus o faz. Quando ele deseja ser “aquele que traz as chuvas” e “aquele que dá os frutos”, e ainda “pai dos seres humanos e dos Deuses”, vês que ele não pode realizar essas tarefas e receber esses epítetos senão beneficiando a todos? (13) Em geral, também Zeus forneceu ao animal racional uma natureza tal que este não pode obter nenhum dos bens que lhe são próprios se não oferecer algum benefício a todos. (Epict. *Diss.* 1.19.11-15).

Segue-se que agir de forma antissocial é contra a natureza humana, porque sabota o potencial de um indivíduo para alcançar a *eudaimonia*. Em *Diatribes* 2.10, Epicteto observa que aquele que chega à concepção de si como parte importante do Cosmos nada trata como assunto privado ou separado dos demais, mas age “como o pé ou a mão, que, se tivessem a capacidade da razão e compreendessem a constituição da natureza, nunca exerceriam a escolha senão em referência à totalidade das coisas” (Epict. *Diss.* 2.10.4-5). Nesse sentido, educar é basicamente ensinar o indivíduo a ter em vista em suas ações a comunidade ou perceber os reflexos de suas ações na comunidade. Como afirma Epicteto:

Assim como “É dia” e “É noite” possuem pleno valor quando em uma proposição disjuntiva, mas não em uma conjuntiva, assim também tomar a maior parte <da comida> tem valor para o corpo, mas não o valor comunitário que é preciso observar em um banquete. Quando então comeres com alguém, lembra de não veres somente o valor para o corpo dos pratos postos à tua frente, mas que também é preciso que guardes o respeito para com o anfitrião. (Epict. *Ench.* 36).

O estoico, portanto, deve agir sempre comunitariamente, ou seja, tendo em vista o bem comum. Ora, suponhamos que alguém seja um político. Nesse caso, ela deve se esforçar para cumprir o papel que

lhe foi atribuído, ou seja, ser um bom político, o que inclui participar ativamente dos debates, assistir às sessões, discutir e votar as leis, e fazer tudo isso visando o melhor para a comunidade.

Considerando tudo isto, podemos compreender o seguinte diálogo entre Vespasiano, imperador de Roma, e Helvídio Prisco⁵⁵, senador romano e filósofo estoico, relatado por Epicteto:

Também Helvídio Prisco percebeu essas coisas e, após considerá-las, agiu. Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti não me permitir ser senador. Mas enquanto eu o for, devo comparecer”. – Vai – disse Vespasiano – porém, ao comparecer, fica em silêncio. – Não me interrogues e ficarei em silêncio. – Mas devo interrogar-te. – E devo dizer o que se me afigura justo. – Se falares, condenar-te-ei à morte. – Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é teu, e eu farei o que é meu. É teu condenar-me à morte. É meu morrer sem tremer. É teu condenar-me ao exílio. É meu retirar-me sem me afligir. (Epict. Diss. 2.1).

Helvídio, enquanto um estoico que desempenhava o papel de senador romano e também o de filósofo, informou ao imperador que, em todas as situações, agiria de acordo com o seu papel (*kata prosopon*), independentemente de ameaças externas e afins.⁵⁶ Helvídio desempenhou o seu papel, que era, naquele momento, o de um senador romano, o melhor que pode, e também de forma não

⁵⁵ Helvídio Prisco, outro senador romano ligado ao estoicismo e à Oposição Estoica. Ver Tac. Ann. 4.5, Dial 5, Ag. 2; 45; D.C. lxvi. 12, lxvii. 13; Suet. Vesp. 15; Plin. 7.19. Sobre a sua morte em 75, ver nota abaixo. Sobre as suas actividades políticas em Roma, ver Wirszubski, 1968, p. 147 ss.

⁵⁶ George Long, comentando esta passagem em sua tradução das Diatribes de Epicteto, observa que, segundo Suetônio, "Vespasiano, provavelmente em um acesso de paixão, ao ser provocado por Helvídio, ordenou que o matassem, e, depois, revogou a ordem quando já era tarde demais". (Ver Suet. Vesp. 15). A adesão de Helvídio ao estoicismo fica clara pelo depoimento de Tácito, que afirma que Prisco “seguia os filósofos que consideravam boas apenas as coisas virtuosas, e más apenas as que eram vis; e considerava que o poder, a posição e todas as outras coisas que são exteriores à mente não eram boas nem más” (Tac. Ann. 4.4.5). Tais filósofos, é claro, são os estoicos (Tac. Ann. 4.4.5).

dramática, o que é, como vimos acima, próprio do estoico que aceita o seu destino.

A partir do que dissemos, podemos afirmar que o estoico age tendo em mente três princípios distintos, mas inter-relacionados: 1. a necessidade de uma aceitação pacífica do destino (e, conseqüentemente, de não reagir de forma dramática ou trágica às circunstâncias); 2. a necessidade de cumprir da melhor forma possível o papel social que lhe é atribuído; 3. a necessidade de agir visando o bem comum.

O filósofo estoico Musônio Rufo exemplifica todas essas características da ação estoica ao desempenhar o papel de delegado de Vitélio, exortando as tropas romanas a evitar o derramamento de sangue dos seus compatriotas. No dia 20 de dezembro de 69 d.C., Musônio tentou deter pessoalmente as tropas de Marco Antônio Primo,⁵⁷ então prestes a invadir Roma. Nesse dia, após escaramuças entre as forças flavianas e vitelinas, o Senado ordenou a uma delegação de notáveis que se encontrasse com as tropas de Marco Antônio Primo às portas da cidade. De acordo com Tácito:

Entre esses enviados encontrava-se Musônio Rufo, cavaleiro e estudioso atento da filosofia e do estoicismo. Misturando-se com as tropas em suas companhias, começou a dar lições aos homens armados sobre as bênçãos da paz e os perigos da guerra. Muitos riram na sua cara, outros, ainda, acharam-no enfadonho, e alguns estavam mesmo prontos a derrubá-lo e a pisoteá-lo, mas, felizmente, os avisos dos homens mais bem-comportados e a atitude ameaçadora dos restantes levaram-no a abandonar a sua intempestiva moralização. (Tacitus, 12, 81).

As tropas de Marco Antônio Primo invadiram Roma no dia seguinte. Seguiu-se uma batalha feroz, que resultou em muitas mortes e no saque da cidade. A ação de Musônio é um de muitos atos intrépidos que ele e outros homens e mulheres estoicos empreenderam durante esses tempos. Incrivelmente, Musônio, a

⁵⁷ Viveu entre 20 e 35 EC e depois de 81 EC. Foi um senador e general romano.

quem tinha sido atribuído o papel de negociador da paz nessa situação particular, cumpriu o seu papel até o limite do possível, apelando pela paz junto à soldadesca sedenta de sangue, agindo de acordo com os três princípios da ação estoica acima descritos: 1. nunca se irritou ou se zangou com os soldados, nem lhes dirigiu palavras de ódio; não adjetivou ninguém, mas tentou convencer as tropas de forma benevolente e amigável; e, demonstrando extrema coragem, colocou-se diante do exército atacante para pedir a paz. A sua tranquilidade face a uma situação tão perigosa mostra a sua aceitação suave do seu destino. 2. Além disso, fez o melhor que pôde para cumprir a sua função não só como arauto da paz, mas também como professor e filósofo, 3. com o objetivo de preservar a vida de muitos inocentes⁵⁸ e, conseqüentemente, o bem comum.

No que diz respeito à participação de mulheres ligadas a esses políticos e filósofos estoicos nos eventos que envolviam a Oposição Estoica, supomos que elas tomaram parte ativamente, devido às ideias de Musônio Rufo referentes à educação das mulheres em filosofia. O estoico etrusco é muito claro sobre este ponto, afirmando que:

As mulheres receberam <da parte> dos Deuses a mesma razão que os homens, razão que usamos uns com os outros e segundo a qual julgamos, acerca de cada coisa, se é boa ou má, e <se> é certa ou errada. Semelhantemente também o feminino possui os mesmos sentidos que o masculino: visão, audição, olfato e os demais. Semelhantemente também pertencem a cada um as mesmas partes do corpo, e nada em maior número possuem um mais que o outro. Ainda, o desejo natural pela virtude não ocorre somente nos homens, mas também nas mulheres. Pois elas não menos que os homens são naturalmente dispostas para se satisfazer com ações corretas e justas e rejeitar as contrárias dessas. Assim sendo, por que, então, caberia aos homens buscar e investigar como

⁵⁸ Quanto a isso, ver Dinucci; Cordeiro (2021).

viver corretamente, que é o filosofar, mas às mulheres não? (Muson. 3.1).⁵⁹

Musônio afirma que a tarefa da filosofia é ensinar a virtude aos homens ou às mulheres, uma vez que seu estudo é adequado a ambos os sexos. Uma vez que Musônio estava profundamente envolvido no ativismo político da Oposição Estoica e aprovava e estimulava a participação das mulheres em estudos e discussões filosóficas, não é de estranhar que as esposas de alguns desses senadores agissem estoicamente. Vimos que Clódia Fânia era filha de Trásea Peto e esposa de Helvídio Prisco. Se voltarmos a olhar para a sua descrição apresentada por Plínio, podemos identificar novamente as características da ação estoica acima descritas em Plin. *Ep.* 7.19, passagem na qual Plínio enfatiza que 1. Fânia não se irrita nem fica nervosa durante o interrogatório, limitando-se a responder laconicamente às questões colocadas; 2. revela grande coragem ao preservar os escritos da biografia proibida, levando-os para o seu exílio; 3. E o a faz para preservar a memória de seu falecido marido e dos seus atos como um político e filósofo que lutou, por meio de uma resistência pacífica, contra a tirania do imperador e, consequentemente, pelo bem comum.

A resposta lacônica da amiga de Gratilla, vista acima, também indica uma ação estoica. Ao ser inquirida sobre os perigos de enviar provisões a Gratilla, ela 1. responde de forma não dramática; 2. corajosamente responde que faz o que deve fazer, independentemente do que Domiciano possa fazer contra ela; e 3. visando o bem da amiga, e não apenas a preservação da sua própria vida.

Por fim, Pórcia, da mesma forma, demonstra 1. calma; 2. coragem, cortando-se para mostrar ao marido que era digna de confiança nas questões relativas ao Estado, mostrando a manifesta vontade de ser; 3. ser favorável à causa do marido e, consequentemente, à República romana e ao bem comum. O seu suicídio após a derrota de Bruto mostra, também, que ela não queria viver a todo o custo, mas sacrificar-se uma vez que a grande causa de

⁵⁹ Tradução de Aldo Dinucci. Ver Mus. *Diss.* 3.2 ss. e 4.

suas vidas estivesse perdida e o bem comum não pudesse ser atingido por eles. Nesse caso, ela morreu como o pai: recusando-se a aceitar o domínio de Júlio César e a morte da República (Carlon, 2009, p. 20). Podemos entender as suas mortes como o resultado da compreensão de que a sua tarefa na Terra estava terminada, uma vez que a única forma de salvaguardar a virtude e a felicidade era por meio de seu próprio sacrifício. Ou seja, da mesma forma que Sócrates bebeu o veneno para preservar o seu caráter, e não para viver a todo custo, Pórcia e Catão compreenderam que suas mortes eram o encerramento perfeito de suas vidas, uma vez que viver sob o domínio de César significaria, para eles, a destruição de seus nobres caracteres.

Conclusões

Assim, como se expôs anteriormente, um estoico não andar­á por aí importunando ninguém com sua filosofia, procurando persuasão e aceitação, mas desempenhará bem os papéis que lhe forem atribuídos. Se for um político, proporá leis equitativas e justas e procurará implementar o bem comum na medida do possível. Os estoicos sabem que um mundo perfeito exige seres humanos perfeitos, como na *República* de Zenão, onde todos são igualmente sábios e livres.⁶⁰ No entanto, também sabem que o mundo humano é um mundo de imperfeições e paixões, e que o sábio estoico perfeito é apenas um ideal. Mesmo aqueles que merecem receber a alcunha de sábios reconhecem que ficam aquém do ideal, pois percebem em si mesmos o movimento das paixões, que é seara comum a todos os mortais. Os estoicos, quando se sentem chamados a lutar pelo bem comum, fazem-no sem ódio e sem cólera, procurando persuadir gentilmente os seus ouvintes, expondo-se deliberadamente a lesões corporais, ao exílio e à morte pelo bem comum, como fizeram Musônio, Epicteto, Rubélio Plauto, Trásea Peto, Helvídio Prisco, Aruleno Rústico, Catão de Útica, Pórcia Catonis, Fânia Prisco,

⁶⁰ Ver SVF 1.222; 248; 252; 259; 260; 261; 261[1]; 263[1]; 264[1]; 265; 266; 267; 268; 269 e 270.

Gratilla, entre tanto homens e mulheres ligados ao estoicismo que lutaram, sofreram e mesmo morreram por seus ideais.

Bibliografia

CARLON, J. M. (2009). *Pliny's Women: Constructing Virtue and Creating Identity in the Roman World*. Cambridge, Cambridge University Press.

DINUCCI, A. (2007). *O Manual de Epicteto*. São Cristóvão, EdiUFS.

DINUCCI, A. (2019). *Epicteto. Diatribes livro 1*. Coimbra, Imprensa de Coimbra.

DINUCCI, A. (2024). *As meditações de Marco Aurélio*. São Paulo, Penguin Cia das Letras.

DINUCCI, A.; CORDEIRO, V. (2021). A morte nos lábios: Musônio Rufo desafiando a morte contra Nero em Gyaros. In: BALIEIRO, M. et al. (eds.). *Filosofia Vida e Morte*. São Cristóvão, Editorial Prometheus.

DINUCCI, A.; FONTES, L. M. (2018). Musônio Rufo, diatribes 3 e 4. In: AGGIO, J. *O Feminismo de Musônio Rufo. Ethic@* 17, n. 2, p. 179-204.

ERSKINE, A. (1990). *The Hellenistic Stoa: Political Thought and Action*. Londres, Duckworth.

GOODMAN, R.; SONI, J. (2014). *Rome's Last Citizen: The Life and Legacy of Cato, Mortal Enemy of Caesar*. New York, St. Martin's Griffin.

GRIFFIN, M. T. (2000). *Nero: The End of a Dynasty*. Londres, Psychology Press.

HEALTH, Sir T. L. (1931). *A Manual of Greek Mathematics*. Oxford, Clarendon Press.

HELMBOLD, W. C. (1939). *Plutarch, Moralia*. Londres, William Heinemann Ltd.

HICKS, R. D. (1925). *Diogenes Laertius. Life of the Eminent Philosophers*. Cambridge, Harvard University Press.

LÉVY, C. (2003). Sénèque et la circularité du temps. In: BAKHOUCHE, B. (ed.). *L'Ancienneté chez les Anciens*. Montpellier, Univ. Paul-Valéry Montpellier III, t. 2, p. 491-511.

MCELDUFF, S. *UnRoman Romans*. University of British Columbia. *Libretexts Humanities*. Disponível em: [https://human.libretexts.org/Bookshelves/History/World_History/UnRoman_Romans_\(McElduff\)](https://human.libretexts.org/Bookshelves/History/World_History/UnRoman_Romans_(McElduff)). Acesso em: 13/05/2023.

MCLYNN, F. (2010). *Marcus Aurelius: Warrior, Philosopher, Emperor*. Londres, Bodley Head.

POWELL, J. G. F. (2013). The Embassy of the Three Philosophers to Rome in 155 BC. In: KREMMYDAS, C.; TEMPEST, K. (eds.). *Hellenistic Oratory: Continuity and Change*. Oxford, Oxford University Press.

RIBEIRO, J. L. (2019). *Memórias de um estoico*. Lisboa, Chiado Books.

SEDLEY, D. (2006). The School, from Zeno to Arius Didymus. In: INWOOD, B. (ed.). *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge, Cambridge University Press.

SKEAT, W. (1875). *Shakespeare's Plutarch: Being a Selection from the Lives in North's Plutarch which Illustrate Shakespeare's Plays*. Londres, Macmillan and Co.

SULLIVAN, J. P. (1985). *Literature and Politics in the Age of Nero*. Ithaca, Cornell University Press.

VON ARNIM, H. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 1: Zeno or Zenonis Discipuli*. Berlim, De Gruyter.

VON ARNIM, H. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 2: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica*. Berlim, De Gruyter.

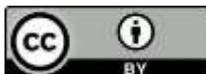
VON ARNIM, H. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 3: Chrysippi Fragmenta Moralia. Fragmenta Successorum Chrysippi*. Berlim, De Gruyter.

WHITING, K.; KONSTANTAKOS, L. (2021). *Stoicism for a World Worth Living In*. Novato, New World Library.

WILKINSON, S. (2012). *Republicanism During the Early Roman Empire*. Londres, A&C Black.

WIRSZUBSKI, M. A. (1968). *Libertas as a Political Idea at Rome During the Late Republic and Early Principate*. Cambridge, Cambridge University Press.

Submetido em 15/05/2023 e aprovado para publicação em 05/03/2024



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.
